

CENTRO ALPHA DE ENSINO
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE HOMEOPATIA
MARCELO MASSANORI OKUMA

Análise homeopática de um mito: Ayrton Senna da Silva

Monografia apresentada a ALPHA/APH como exigência para
obtenção do título de especialista em homeopatia.
Orientadora: Dra. Maria de Lurdes Ventura Fernandes

São Paulo

2015

Okuma, Marcelo M.

Análise Homeopática de um mito: Ayrton Senna da Silva /
Marcelo Massanori Okuma. – São Paulo, 2015

56f.

Monografia- ALPHA/APH, Curso de Pós Graduação em
Homeopatia

Orientadora: Dra. Maria de Lourdes Ventura Fernandes

1. Homeopatia 2. Análise 3. Ayrton Senna da Silva

Dedico este trabalho primeiramente à minha esposa Janne, sem a qual eu jamais o teria iniciado. E também aos meus filhos Helen, Alan e Leonardo.

Agradeço a Dra. Maria de Lurdes Ventura Fernandes pelas orientações e ensinamentos ao longo deste trabalho.

Agradeço a minha esposa Janne, meus filhos Helen, Alan e Leonardo pela paciência, compreensão e estímulo durante a elaboração desta monografia e durante todo o curso da Pós Graduação em Homeopatia.

Agradeço também ao Dr. Mario S. Giorgi pelo apoio e por acreditar neste trabalho.

RESUMO

Através de uma detalhada análise biográfica e utilizando os conhecimentos homeopáticos, foram traçadas possibilidades medicamentosas para uma grande personalidade: Ayrton Senna da Silva.

ABSTRACT

Through a detailed biographical analysis and using homeopathic knowledge, drug possibilities were traced to a great personality: Ayrton Senna da Silva.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E ANEXOS

Figura 1. Usando macacão da Lotus. Página 8

Figura 2: Primeiro kart (construído pelo pai). Página 11

Figura 3: Primeira vitória no kart. Página 13

Figura 4: Esquiando. Página 15

Figura 5: Comemorando mais uma de suas vitórias com Lilian. Página 18

Figura 6: Correndo na USP. Página 22

Figura 7: Ayrton apresentando paralisia facial. Página 23

Figura 8: Estoril. Primeira vitória na Fórmula 1. Página 24

Figura 9: Na piscina com os sobrinhos. Página 26

Figura 10: Primeira vitória no Brasil. Ayrton extenuado. Página 33

Figura 11: Ayrton e Adriane. Página 37

Figura 12: Acidente de Rubens Barrichello. Página 40

Figura 13: Acidente de Roland Ratzenberg. Página 40

Figura 14: Ídolo. Página 41

Anexo 1: Repertorização. Página 42

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	09
2- METODOLOGIA.....	10
3- DESENVOLVIMENTO.....	11
4- DISCUSSÃO.....	45
5- CONCLUSÃO.....	55
6- ILUSTRAÇÕES E ANEXOS.....	05

INTRODUÇÃO

Inicialmente na necessidade da elaboração de uma monografia de conclusão de curso de Pós Graduação em Homeopatia, surgiu a ideia de fazer uma análise biográfica de uma personalidade, numa instigante busca de dados que tornassem possível a elaboração de um raciocínio homeopático e se chegasse a algumas possibilidades medicamentosas.

A escolha por Ayrton Senna da Silva deve-se a familiaridade com que todos os brasileiros certamente têm com este “personagem”.

Todos se achavam de uma certa maneira “íntimos” de Senna. Carismático, perfeccionista, vencedor, orgulho de uma nação.

Quantos não acordavam cedo aos domingos apenas para assistir aos seus “shows”?

Neste trabalho, buscou-se a análise de Ayrton (ser humano) e de Senna (piloto, ídolo).



Figura 1 Usando macacão da Lotus

METODOLOGIA

Materiais e métodos:

Materiais:

- 1- Biblioteca da APH: livros textos.
- 2- Livros de biografia
- 3- DVD
- 4- Internet

Métodos:

- 1- Tipo de pesquisa: descritivo e analítico
- 2- Metodologia: leitura do material escrito, visualização do filme em DVD, pesquisa na internet, revisão, análise e conclusão.

DESENVOLVIMENTO

Ayrton Senna da Silva, nascido às 02:35 de 21 de março de 1960 de parto normal na maternidade Pro Matre, na Bela Vista, região central da cidade de São Paulo.(10)

Segundo sua mãe e irmã mais velha, Ayrton era desde pequeno, muito desastrado e tinha uma preocupante média de tombos, tropeções e batidas de cabeça.(10)

Sua mãe procurou um neurologista, preocupada com o que hoje conhecemos popularmente como hiperatividade. Os exames realizados não mostravam qualquer alteração. Na verdade, era desajeitado por ser rápido demais em tudo o que fazia. Faltava apenas descobrir um pouco mais de precisão na ocupação dos espaços físicos. E era apenas uma questão de tempo... (8,10)

Ayrton era um entusiasmado fã do desenho animado *Speed Racer*, um jovem piloto de competição, sempre disposto a lutar pelos amigos, pela justiça e para ser o melhor corredor do mundo, ao volante do Mach 5. Um carro construído pelo pai. Na rua, era o menino que tinha os brinquedos mais bonitos e caros, segundo uma vizinha – Virginia Bertinni. Muito tímido, gostava de emprestar tudo o que levava para a rua. Alguns até se aproveitavam e tentavam fazer ele de bobo. Tudo o que falavam para fazer, ele fazia. E depois ficava sentado na calçada olhando. (10)

Aos quatro anos ganhou seu primeiro kart, construído pelo pai. A construção demorou 6 meses para ser realizada e Ayrton observava calma porém ansiosamente e prestava atenção em cada detalhe (característica que carregou por toda a vida: observar o que as equipes faziam em cada carro que iria pilotar). (8,10)



Figura 2 Primeiro kart (construído pelo pai)

As pessoas que estavam presentes no momento em que ele entrou pela primeira vez no kart e acelerou disseram que foi algo arrepiante. “Ele tinha quatro anos e todo mundo ficou vendo ele andar no kart. Já na primeira volta na rua de terra, ficamos todos impressionados com a noção que ele já tinha.” (10)

Em pouco tempo, aos sábados, domingos e feriados, Milton - seu pai - levava Ayrton, os amigos e o kart para locais mais amplos e fechados do que as ruas para que eles se divertissem com mais segurança. O local preferido era um loteamento na parte alta do bairro de Santana. (10)

A paixão pela velocidade apenas aumentava.

Aos nove anos, ganhou o primeiro kart de verdade. Na primeira corrida, sua primeira pole position. Num lance de muita sorte, uma vez que a posição de largada era definida por sorteio. Seu pai, preocupado, pois os outros competidores eram todos mais velhos que Ayrton; queria retirar o filho da corrida. Tamanha foi a insistência que o pai acabou cedendo. Tentou uma outra exigência: largar em último e não em primeiro. Perdeu também essa parada, como ele mesmo disse depois em entrevista ao jornalista Lemyr Martins. (10)

Nesta primeira corrida liderou por 35 voltas, porém, num acidente foi colocado para fora da pista por outro garoto. Quando seu pai chegou ao local, já estava de pé sacudindo a poeira e olhando feio para o garoto que o tirou da pista. A brincadeira das corridas nos loteamentos do bairro de Santana havia acabado. (10)

Ayrton frequentava o austero Colégio Santana, o melhor e mais tradicional no bairro, porém, à medida que seu envolvimento com o kart aumentava, seu desempenho diminuía. Ainda assim, segundo a ex-professora

Maria do Carmo, suas notas não destoavam da média da sala. Disse ainda que se lembrava das muitas vezes que chegava atrasado do recreio, todo vermelho e suado. Correndo. (10)

O velho desafio de canalizar as energias continuou na escola. E, no caso das aulas de judô, o tiro saiu pela culatra nos pátios do Colégio Santana. O próprio Ayrton em uma entrevista em 1989 disse: “como todo ariano, sou um tanto difícil e estourado. Na escola, eu era brigão, com um agravante de saber lutar judô. Minha mãe me pôs na escola de judô naquela de que eu precisava queimar energias, ficar mais calmo. Fiquei cada dia mais brigão. Acabei batendo em muito garoto na escola apenas para treinar um pouco”. (10)

Voltando ao mundo da velocidade; em um depoimento, Lucio Pascoal, o Tchê, famoso preparador de kart, disse que logo nos primeiros dias de trabalho com o menino, viu algo que jamais tinha visto e jamais voltou a ver em mais de trinta anos de kartismo: Ayrton saía para treinar levando na mão esquerda, um cronômetro. Um caso curioso de acumulação de funções de piloto e chefe de equipe. (10)

Senna não cronometrava a volta completa. Ele dividia o kartódromo de Interlagos em quatro trechos e ficava experimentando diferentes freadas, trajetórias, acelerações e regulagens que lhe dessem mais alguns décimos ou centésimos de segundo. Para quem assistia ao treino, ele parecia lento, pois só andava no limite em um dos quatro trechos em cada volta que dava. (10)

Só na hora da tomada oficial de tempos é que o kartódromo descobria que o kart número 42 era quase sempre o mais veloz. Sem o cronômetro na mão esquerda, a boa, ele juntava, em uma volta voadora, tudo o que tinha aprendido separadamente nos quatro trechos do circuito.(10)



Figura 3 Primeira vitória no kart

Maurizio Sandro Sala foi o primeiro rival de Ayrton no kart. Desde a primeira prova em que estiveram na mesma pista, o enredo foi um só até o final da temporada: batidas, rodadas e saídas de pista todas as vezes, sem exceção, em que Ayrton e Maurizio disputaram posição. (10)

Ao final daquela temporada, Maurizio mudou de categoria e eles jamais voltaram a correr juntos, ficaram amigos para o resto da vida. (8,10)

Em uma tarde de julho de 1976, a jovem Barbara Gancia foi ao kartódromo de Interlagos acompanhar o treino do irmão Carlo. Ayrton estava na pista e a impressão que Barbara teve do rapaz que Carlo apontou como “futuro campeão do mundo” não foi das melhores: “ele não era muito simpático, ficava longe do auê dos boxes, não se misturava e não fazia amizades. Não era um ser social”. (10)

A imagem de Ayrton, para Cristina Sala, irmã de Maurizio Sala e também frequentadora do kartódromo era diferente: um rapaz solitário que foi apelidado com o número do kart que pilotava, “42”, e que tinha como companhia o preparador Tchê e, de vez em quando, o pai. Leonardo, quatro anos mais novo, passou a frequentar o kartódromo um pouco mais tarde. (10)

Cristina e Ayrton começaram a ter mais intimidade quando ele passou a aceitar os convites da turma de pilotos que se reunia na casa dela; antes dos programas que geralmente terminavam nas mesas do restaurante Juca Alemão. A casa de Enrico e Maria Luiza Sala, pais de Maurizio e Cristina, era ponto de encontro do grupo. (10)

Ayrton era sempre convidado, mas só começou a frequentar a casa timidamente, quanto mais interessado ficava em Sofia Aidar, amiga e vizinha de Cristina. Ao contrário dos outros pilotos, mais interessados em passeios de motocicletas e outros programas juvenis, ele era muito sério e, recordou Cristina, adorava o que sua geração chamava de papo-cabeça: conversas filosóficas e existenciais. Gostava tanto que estava participando de um curso de controle da mente, o Power Mind, do qual falou com entusiasmo, em longos encontros com Cristina. (10)

Outro assunto obrigatório era o plano de namorar a amiga de Cristina.(10)

Sofia e Ayrton começaram a namorar. Segundo Sofia, ele se revelou um namorado possessivo e conservador, mas afetuoso. Como confidente, não foi difícil perceber a influência, nos gestos, ideias e reações, da postura provinciana de sua família e do estilo autoritário do pai. (10)

O namoro terminou em poucos meses e Ayrton deixou de frequentar a casa dos Sala algum tempo depois. (10)

Alfredo Popesco é mais um dos grandes amigos de Ayrton. A amizade construiu-se a partir do intenso sentimento de competição de Ayrton. Primeiro, na mesa de pingue-pongue. Alfredo jogava muito bem e Senna não se conformava em perder. Chegou a deixar o amigo irritado com a insistência para novos tira-teimas. E jogou muito até finalmente conseguir vencer Alfredo depois de muitos meses de treinos. (10)

E bastou Ayrton botar a lancha *Sissa* nas águas da represa de Mairiporã para perceber que tinha outra obsessão pela frente: esquiador melhor que Alfredo, uma fera no esporte, que, por não ter dinheiro suficiente, vivia encostado nos donos de lancha do lugar. Alfredo mesmo se chamava de p... de barco. Trocava sorrindo uma faxina ou um pequeno conserto por uma esquiada. (10)



Figura 4 Esquiando

Alfredo disse que Senna ficou “desesperado” no dia em que o viu esquiando pela primeira vez. Imediatamente, começou nas águas da represa, um processo muito semelhante ao que tinha ocorrido nas mesas de pingue-pongue. Ayrton treinou à exaustão até ter um desempenho comparável ao do amigo. E conseguiu, Alfredo reconheceu. (5,10)

Alfredo foi o guia de Senna no mundo das mulheres. Ayrton, ingênuo e romântico demais para a média da turma, admirava a experiência e a firmeza do amigo com as moças.(10)

Certa vez, o amigo falou de uma paixão que estava sentindo por uma modelo da grife Soft Machine. Convidado por ela para um encontro em Ubatuba, ele queria ir, mas não tinha dinheiro. Para sua surpresa, dois dias depois, Ayrton apareceu com uma raquete de tênis importada que tinha acabado de ganhar da mãe: - “Fica com ela, vende e eu digo que perdi. Depois você me paga.” O dinheiro da raquete permitiu que Alfredo passasse um fim de semana inesquecível com a modelo em Ubatuba. (10)

1980. Ayrton conseguiu convencer os pais a deixá-lo competir no Campeonato Inglês de Fórmula Ford 1600, a chamada categoria de entrada para qualquer piloto que sonhasse fazer carreira no automobilismo europeu. (10)

Chico Serra, antigo rival e depois mais um de seus amigos, indicou-o para o dono da mais prestigiada equipe inglesa de Fórmula Ford 1600, a Van Diemen, de Ralph Firman. Mais de 20 anos depois, Chico fez questão de deixar claro que sua iniciativa foi muito mais um gesto de gratidão a Ralph, seu ex-patrão na Fórmula Ford 1600, do que uma ajuda de início de carreira a Senna. (10)

Chico sabia que Ayrton iria vencer muitas corridas. Daí a ideia de indicá-lo a Ralph. O que nem Chico nem Ralph esperavam semanas depois, durante a conversa, na Inglaterra, foram as exigências cada vez maiores feitas por Ayrton para correr pela Van Diemen. Durante uma providencial ida de Senna ao banheiro, o perplexo Ralph cobrou de Chico: “Quem diabos ele pensa que é?” (8,10)

Anos depois de ter contratado Ayrton e vencido com ele o campeonato de 1981, Ralph, ao reencontrar Chico Serra, tinha a resposta: “Acho que ele sabia quem era.” (10)

Naquele final de 1980, mais uma vez, Senna fez uma consulta sentimental a seu amigo Alfredo: estava pensando em se casar com Lílian, com quem namorava havia pouco tempo. Estava realmente gostando dela e queria companhia na Inglaterra. (10)

Reação de Alfredo: “Se é para seu bem, tudo bem.” Na verdade, Alfredo estava preocupado com o fato de Ayrton ser muito jovem. Mas só daria opinião contrária se Lílian fosse uma das “galinhas” que conhecia no bairro. E não era. Assim, dois meses depois, estavam casados. (10)

Seguiram duas semanas depois para a Inglaterra. Lá, a filha única e mimada, acostumada com o calor do Brasil e as mesas fartas das famílias abastadas de Santana, sofreu dois choques. Primeiro, a casa pequena, sem aspirador de pó e com uma sala em que havia um sofá cor mostarda onde exatos 19 gatos de estimação do morador anterior costumavam dormir. Não havia como eliminar o cheiro. Tudo estava tão sujo, que o casal teve de pernoitar na casa de Ralph Firman, dono da Van Diemen. Nada de passeio, cinema ou restaurante. O segundo choque: no jantar na casa de Ralph Firman, um bife, um ovo e uma folha de alface para cada um. (10)

“Pelo amor de Deus, não chega nem perto que amanhã tem corrida!” Nas vésperas das provas da Fórmula Ford, era sempre assim. Ayrton chegava a dormir em cama separada para não encostar em Lílian e dar à libido a chance de por em risco seu ritual de preparação. Também fazia parte da preparação tirar a aliança e pendurá-la no cordão de ouro do pescoço. Para não atrapalhar a sensibilidade das mãos no volante. (10)

“Eu roí o osso e as outras ficaram com o filé mignon.” (10)

Assim, misturando ironia e resignação, Lílian de Vasconcellos se referiria, no futuro, à rotina que enfrentou em Ethon, Norfolk, nordeste da Inglaterra, ao lado de Ayrton Senna: levantar, fazer café, ver as roupas brasileiras serem irremediavelmente encolhidas na alta temperatura das lavanderias inglesas, preparar as duas preferências do cardápio do marido,

bolo de chocolate com cobertura de brigadeiro e macarrão regado a molho de tomate, e enfrentar um solidão que não estava nos planos. (10)

O uso constante da pílula anticoncepcional, combinado com o de um antibiótico para a garganta, fez aumentar a pressão arterial, provocando enxaqueca e uma prostração muito grande em Lilian. (10)

Ayrton chegava em casa no fim da tarde, quase sempre cansado e triste. Olhava Lilian com carinho e a botava no colo. Reclamava da falsidade e da concorrência que enfrentava nos autódromos, e os dois se sentavam no sofá. Às vezes choravam. Era um casal jovem se protegendo da solidão e das imensas diferenças que separavam a pequena Ethon do bairro de Santana. Os programas sociais se resumiam a visitas às casas dos pilotos Chico Serra e Raul Boesel. (10)

Ayrton não estava disposto a pedir qualquer tipo de ajuda aos pais no Brasil. Por isso, o casal passou por apertos que, nos momentos mais drásticos, levaram Lilian a se perguntar se deveria ou não comprar um simples pote de creme. Só não faltava comida. Comiam do bom e do melhor, como manda a tradição brasileira. (10)

Lilian tinha certeza de que o pai mandaria dinheiro, se Ayrton deixasse. Mas ele não deixava. Impunha-se não pedir “arrego”. Vivia do salário de piloto que recebia para desenvolver os karts da fábrica italiana DAP e dos prêmios da Fórmula Ford. (10)



Figura 5 Comemorando mais uma de suas vitórias com Lilian

O amigo Alfredo era uma das testemunhas distantes da tristeza de Senna e da mulher. Recebeu cerca de 40 cartas nas quais Ayrton se queixava muito da solidão, da dificuldade de lavar roupa, da comida e do frio. (10)

Ayrton também sofria muita pressão da família para retornar ao Brasil. A corrida final da temporada, já como campeão, poderia ser sua última. Estava chateado com os diretores da DAP por achar que eles tinham desrespeitados detalhes financeiros e técnicos do acordo feito no início do ano. Também sentia falta de alguém que trabalhasse por ele, junto a patrocinadores brasileiros.(10)

Talvez por estar mesmo propenso a obedecer ao pai e voltar, Ayrton fez uma despedida histórica: pulou da terceira fila para a liderança na largada, rodou sem bater em ninguém e caiu para 16º. Voltou à disputa ultrapassando seis adversários por volta e rodou novamente. Intacto. O show recomeçou, até ele terminar a corrida em segundo lugar. Uma tarde inesquecível. Um título conquistado. Uma notícia surpreendente. Iria parar de correr. (10)

“Que história é essa de parar?” (10)

A pergunta, irritada, era de Chico Serra, perplexo ao saber da decisão de Ayrton de fazer as malas e retornar ao Brasil. (10)

“Vou voltar para o Brasil. Meu pai precisa de mim.” (10)

“Prá que? Você não sabe nada do negócio dele!”(10)

Chico sabia que a volta de Senna não tinha nada a ver com os negócios. Sabia também do poder que o pai exercia sobre ele. O amigo Alfredo ia mais longe: tinha certeza de que Ayrton não apenas cumpriria a ordem do pai de trabalhar na loja de material de construção da família, mas também continuaria trabalhando lá indefinidamente “se Miltão pedisse.” (10)

Retorno ao Brasil, loja de materiais de construção que o pai havia preparado para Ayrton comandar. Disciplinado como sempre, mas Ayrton não conseguia se envolver com estoques de areia, prazos de entrega de tijolos, caminhões de telhas e outras rotinas.(10)

Chegou a propor ao amigo Júnior (Américo Jacoto Júnior), para que ele convencesse o pai Américo a comprar a loja da família de Senna. (10)

Estava montando apartamento na serra da Cantareira para morar com Lilian. Enquanto isso ficaram hospedados juntos, alternadamente nas casas das famílias. Ela sabia que ele não estava bem. Ayrton dormia demais e este era um sinal de depressão que ela conhecia dos tempos tristes de Ethon.(10)

Todos entenderam que a vida de Ayrton era a velocidade. (10)

Em fevereiro de 1982, Ayrton embarcou para a Inglaterra para acertar sua participação no campeonato inglês e europeu de Fórmula Ford 2000. Antes, pedira a Lilian que ficasse na casa dos pais dela até decidirem o futuro. Também convenceu o pai a entregar a gerência da loja ao amigo Alfredo.(10)

Faltava resolver apenas o casamento. Um telefonema pôs fim a tudo. Decidiram pela separação. A parte jurídica foi resolvida pelos sogros.(10)

Após 20 anos depois da separação, Lilian fez um balanço bem-humorado do triste e apressado casamento com Ayrton Senna: “fomos muito imaturos. Eu queria brincar de casinha, e ele de carrinho.”(10)

1982. Previsível. Ayrton Senna campeão de Fórmula Ford 2000.

Ron Dennis tinha um plano simples: oferecer a Ayrton Senna, a estrela da Fórmula Ford 2000, na temporada de 1982, 100 mil libras esterlinas, o que cobria todos os patrocínios que Ayrton tinha para a temporada de 1983 na Fórmula 3, para que ele assinasse uma opção de correr pela McLaren a partir de 1984. Ron tinha certeza de que qualquer jovem piloto do mundo venderia a mãe para receber oferta semelhante. No dia seguinte à reunião, Creighton Brown, que sugerira a contratação, percebeu que algo não tinha dado certo. Ron estava furioso. “Você não vai acreditar. Ofereci a ele tudo o que tinha combinado. Mas não me importo: se esse filho da mãe vier de joelhos no futuro, jamais vou oferecer outro emprego a ele.” (8,10)

Perplexo, Creighton quis saber o que tinha acontecido. E Ron explicou: “Ele queria 100% de garantia de que, em 1984, a McLaren seria capaz de vencer o campeonato. Nunca vi tanta arrogância em um principiante em toda minha vida. Tivemos uma grande discussão e não fizemos o acordo. (10)

Ron estava escandalizado. Creighton também ficou impressionado, mas resolveu provocar o sócio: “Ron, um dia você vai engolir o que está falando.”(10)

Nem Ron Dennis podia prever. E Creighton estava certo: Ron teve que engolir a promessa de jamais contratar aquele brasileiro insolente.(10)

Não era insolência. Também não era o ótimo pacote financeiro que Ayrton já tinha assegurado para disputar a Fórmula 3 em 1983. A proposta de Ron Dennis, na verdade, não garantia de forma clara que Senna pilotaria uma McLaren em 1984. A equipe teria a opção mas não a obrigação de dar um carro para Senna. Além disso, Ayrton tinha na memória relatos de Chico Serra sobre tempos difíceis que ele tinha passado sob o comando de Ron Dennis, na equipe Project Four de Fórmula 2. Além do mais, Senna já tinha sido descoberto pelos outros donos da Fórmula 1.(10)

Afetivamente, mesmo livre do casamento malsucedido e tendo toda a liberdade de que precisava na Europa, Senna continuava no Brasil. Seu rápido encontro com a amiga de juventude Cristina Sala, em Londres, durante a temporada de Fórmula 3, foi marcado pela nostalgia. Cristina, a confidente de Ayrton quando ele se apaixonara por Sofia Aidar, estava se preparando para voltar ao Brasil, depois de um curso de inglês em Oxford. Na véspera da partida, foi jantar na casa de Ayrton. Os dois trocaram confidências sobre os respectivos desencontros afetivos e, no final do jantar, se deram conta de que o limite da amizade tinha ficado para trás.(8,10)

Ayrton chegou a pedir que Cristina ficasse na Inglaterra por mais um tempo, mas ela decidiu que tinha de voltar. A despedida dos dois, no aeroporto de Heathrow, só reforçou em Cristina a sensação de que Ayrton estava muito só, na Inglaterra. Cristina voltou a São Paulo com a certeza de que o preço pessoal que Ayrton estava pagando pela carreira era muito alto.(10)

Em maio de 1983, um ano antes de estreiar na Fórmula 1, com admirável precisão Senna antecipou o que viria a ser sua trajetória no automobilismo.(10)

Disse que venceria várias corridas na F-3 aquele ano. Que no ano seguinte passaria por uma equipe pequena da Fórmula 1, onde não ficaria por muito tempo. Partiria então para uma equipe um pouco maior, na qual começaria a vencer. Depois, seria campeão mundial em uma grande equipe. Para os participantes daquela reunião, foi um típico episódio de Ayrton Senna;

daqueles em que o tempo foi confirmando, o que no presente parecia pretensão e falta de humildade. (10)

Apesar do início arrasador na Fórmula 3 chegando a vencer nove provas consecutivas, o desempenho passou a ser acompanhado por algumas quebras e acidentes, diminuindo consideravelmente a vantagem que havia conquistado. (8,10)

Dessa maneira, a definição do campeonato ocorreu somente no dia 27 de outubro com Senna vencendo a corrida e Martin Brundle, rival na disputa pelo título, chegando em terceiro lugar.(10)

Armando Botelho, que cuidava dos contratos de Senna, tinha uma explicação curiosa para os acidentes: “é a ansiedade de Ayrton em voltar ao Brasil o mais rápido possível. Temos que lembrar as dificuldades de quem mora sozinho num país com língua e costumes estranhos. Isto faz com que ele queira garantir o título por antecipação. E talvez por isso tenha errado.”(10)

Ao final daquela temporada, conheceu Nuno Cobra.

Sua preparação começou no início de 1984. Os exames cardíacos eram todos normais. Na visão de Nuno, era apenas um sistema cardiovascular atrofiado, típico do homem moderno. Ou o que Nuno chamava de “coração de passarinho”: aquele que bate e bate sem conseguir levar sangue para lugar algum, incapaz de atender às necessidades diárias de um homem, menos ainda de um atleta.(10)

Após muitas negociações, reuniões e expectativa, finalmente um contrato com uma equipe de Fórmula 1: a Toleman.(8,10)

Sua primeira corrida, Grande Prêmio do Brasil, durou exatas oito voltas, sendo interrompida pela quebra do motor.(10)

Segunda prova, Grande Prêmio da África do Sul, terminou em sétimo, que acabou se tornando sexto com a desclassificação da Tyrrel de Stefan Bellof, e dando então a Ayrton seu primeiro ponto na Fórmula 1. Mas Ayrton não estava sorrindo. Não conseguia sair do cockpit. Ia desmaiar... (10)

Quando os chefes da equipe e alguns mecânicos chegaram, Ayrton estava desfalecido, a cabeça caída sobre o volante. Ele foi retirado e deitado na grama. Momentos depois chegou a ambulância. Ele estava desidratado, os músculos completamente enrijecidos. Depois de o pescoço e os ombros ficarem uma hora e meia sob o efeito da força centrífuga, do calor e da tensão, os espasmos continuavam. (10)

Ayrton já tinha avisado a equipe sobre o volante do carro, que ficara pesadíssimo depois que os mecânicos encheram o tanque de combustível para

a corrida. Era impossível dirigir, manter o carro no traçado. Cada curva, ele disse depois, parecia que ia lhe custar o braço, tamanho esforço ao virar o volante. Para completar, o bico do carro voava longe no meio da corrida, agravando mais a dirigibilidade. Senna nem vira. Só sentira o baque.(10)

“Querida muito completar minha primeira corrida” (10)

Senna acabara de perceber, de forma dramática, a diferença entre uma corrida de Fórmula 1, guiando carros muito mais rápidos, contra os melhores pilotos do mundo, durante quase duas horas, e os shows de meia hora que dava na Fórmula 3. (10)

Era o desafio de Nuno Cobra.



Figura 6 Correndo na USP (Nuno Cobra à esquerda na foto)

Ele ainda desconfiava de que o trabalho com aquele rapaz que chegara a qualificar como “meio raquítico” no primeiro encontro, meses antes, não ia dar grandes resultados. Mas no início dos testes, no Centro Olímpico do Ibirapuera, às vésperas do Grande Prêmio do Brasil, mudou radicalmente sua expectativa. Ayrton demonstrou destreza, uma ótima coordenação motora e uma capacidade de improvisação que Nuno considerou admiráveis. (8,10)

Haveria ainda novos desmaios, alguns ao final de corridas históricas. E Ayrton demoraria alguns anos para se tornar um atleta completo.(10)

O ano de 1984 terminaria com Ayrton em 9º colocado somando 13 pontos com sua Toleman. (5,10)

Era para ser um Natal de muita tranquilidade. Contrato assinado com a Lotus e um delicioso verão brasileiro pela frente. Mas Ayrton começou a perceber que o canto direito de sua boca não mexia. Ele também não conseguia encher as duas bochechas de ar. Pior: o olho direito ficava pequeno e ardia muito quando exposto à luz e ao vento. A pálpebra não obedecia. Sem

domínio completo dos músculos, cada vez que ele tentava sorrir, o resultado era constrangedor. Mais parecia uma vítima de derrame cerebral. (10)

Senna tinha paralisia facial periférica, resultado de uma mastoidite.(10)

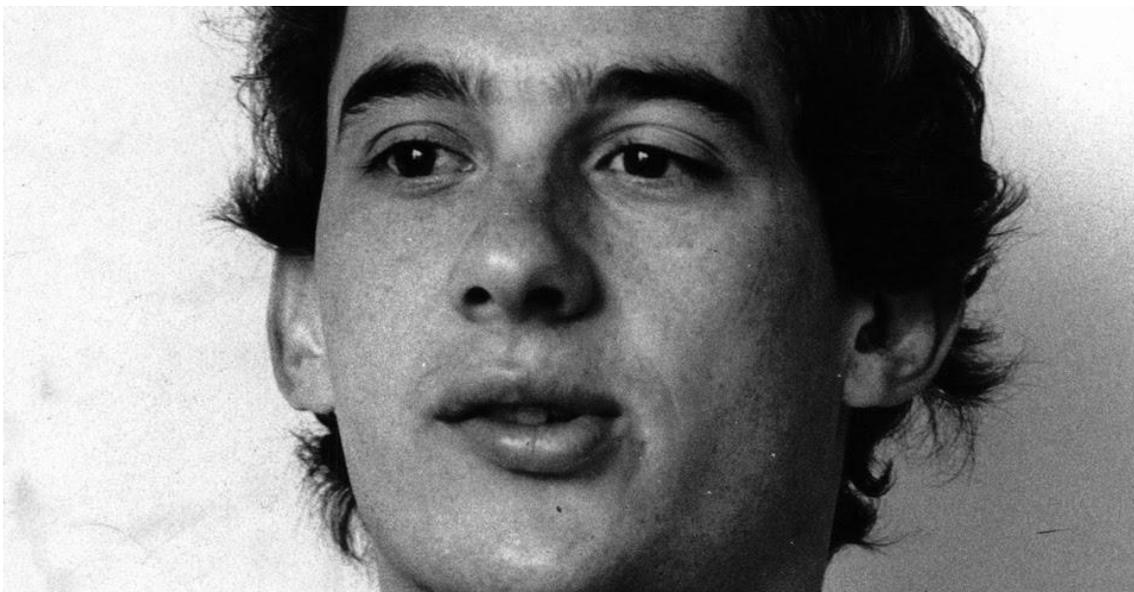


Figura 7 Ayrton apresentando a paralisia facial

A doença teve um efeito devastador. Ayrton se fechou. Não saía, não falava com ninguém. Nuno viu Ayrton no fundo do poço, irritado, deprimido e falando em “desistir de tudo”. Para tentar reverter a situação, iniciou um lento e gradual programa de exercícios temperados com muita conversa sobre feitos olímpicos e superação física e psicológica. Foram necessários 5 meses, entre o final de 1984 e o início de 1985, para resgatar Senna daquele quadro de desânimo. (10)

O humor de Ayrton começou a melhorar quando seu medo maior se dissipou: o de que a paralisia fosse decorrente de problema neurológico causado por alguma pancada na pista. (10)

No segundo Grande Prêmio do Brasil que disputava, agora pela Lotus, Senna teve de abandonar a corrida na 41ª das 61 voltas. Chegara a disputar o segundo lugar com a Ferrari de Michelle Alboreto, mas o motor Renault sofreu uma inapelável pane elétrica. O pior: ficara possesso e chegara a tratar Peter Warr e outros integrantes da equipe de forma grosseira na volta ao boxe. O relato é do próprio Ayrton e consta em um press release que sua assessoria distribuiu no dia seguinte à corrida, vencida por Alain Prost: “Eu reconheço hoje, depois de profunda análise, que fui até ríspido com membros da minha equipe, com os amigos jornalistas e até com os torcedores. Por isso, quero me desculpar publicamente e garantir que me esforçarei para que isto não ocorra mais, não deixando que a pressão e a tensão nervosa me dominem. O momento era impróprio até para conversar com Peter Warr, pois eu estava

frustrado e o que acabou acontecendo foi que perdi as estribeiras e fiquei durante horas sem conseguir falar com ninguém.” (10)

As explosões, as horas de silêncio e isolamento e os arrependimentos, por mais que ele se esforçasse, jamais teriam fim. Mas aquela foi a única vez em que Senna pediu desculpas a tanta gente e de forma tão pública e solene.(10)

Ainda em 1985, a primeira vitória, no Grande Prêmio de Portugal em Estoril, numa história já bastante conhecida da torcida brasileira, debaixo de chuva; condição em que Ayrton era simplesmente imbatível. (8,10)



Figura 8 Estoril. Primeira vitória na Fórmula 1

Quando estava na Inglaterra, na casa que comprara e decidira dividir com o amigo Mauricio Gugelmin, que disputava a Fórmula 3 Inglesa, e a mulher dele, Stela, Ayrton costumava acordar por volta de 11h30, meio-dia. Até essa hora vigorava uma rígida lei do silêncio. Aspirador de pó, nem pensar. Ele odiava barulho. Depois de acordado, dedicava-se a atividades surpreendentemente contemplativas para um piloto de Fórmula 1: ficava horas em silêncio, imóvel como um estátua, observando esquilos se aproximarem e se fartarem na macieira dos fundos da casa.(10)

Outra diversão era brincar com seus aeromodelos. Não recebia muita gente em casa. Era apaixonado pela canja de galinha que a empregada Juracy preparava como entrada do prato básico: arroz, feijão, bife e batata frita. E gostava de silêncio à mesa: “Ou eu converso ou eu como.” (10)

1985 terminava com Ayrton em 4º lugar somando 38 pontos.

A sede de reconhecimento que Ayrton tinha naquela fase da carreira era tanta, que ele ficara aborrecido com o fato de não ter sido eleito, de novo,

“revelação do ano”, nas tradicionais enquetes de fim de ano nas revistas esportivas internacionais. Wagner Gonzales, dublê de correspondente de Fórmula 1 do jornal O Estado de São Paulo e assessor de imprensa de Ayrton na Europa, fora testemunha do mau humor do patrão. E não quis argumentar que ninguém pode ser revelação mais de uma vez. (10)

No Brasil, porém, não faltou massagem para o ego. Senna fora escolhido pela equipe da revista Placar como “O esportista do Ano”, prêmio que antes fora dado a Zico, Sócrates, Jorginho, Montanaro, da seleção de vôlei, e Joaquim Cruz, recordista mundial de atletismo. Piquet, mesmo tendo sido campeão duas vezes nunca o ganhara.(10)

1986 foi um ano muito semelhante ao anterior, inclusive com uma curiosidade: Senna terminara o campeonato novamente em 4º lugar, porém desta vez, somando 55 pontos.

1987, 3º lugar no campeonato, 57 pontos. Nelson Piquet campeão.

1988, mais precisamente 6 de março de 1988, um domingo, e provavelmente Ayrton tenha cometido seu maior erro. E não foi no cockpit de nenhum carro de Fórmula 1. (10)

Senna nem estava na direção. Quem dirigia era Galvão Bueno, tendo a seu lado o pai de Senna, Milton da Silva. Ayrton estava no banco de trás junto com Sérgio Rodrigues, correspondente do Jornal do Brasil.(10)

Sérgio no início da entrevista, perguntou sobre o sumiço de Senna dos noticiários, a poucos dias do Grande Prêmio do Brasil. A resposta era simples: vinha de férias na fazenda da família, no interior de São Paulo, e de dez dias de sol e praia na casa que Galvão alugara em Búzios, no litoral do Rio.(10)



Figura 9 Na piscina com os sobrinhos

Não foi o que ele respondeu. A pergunta era um convite tentador para uma pequena provocação ao rival Nelson Piquet. Senna aproveitou e cutucou:

“Eu tinha que dar aos outros uma chance de aparecer um pouco. Afinal, não fazia sentido o cara ser tricampeão e eu continuar sendo assunto. Já que ninguém gosta muito dele, o único jeito era eu sumir para que ele pudesse aparecer um pouco.” (10)

Senna percebendo a encrenca em que havia acabado de se meter, fez uma apressada correção: “Vem cá, isso é brincadeira, hein? Eu sumi porque estou há muito tempo sem férias e sem descanso. (10)

Sérgio registrou as ressalvas, mas não jogou fora a manchete. Galvão não o perdoou.(10)

No dia seguinte, o título de alto de página foi: “Senna diz que sumiu para Piquet aparecer.” Após reproduzir a provocação, Sérgio teve a preocupação de avisar: “Não, enganem-se os que pensam que Senna está tentando declarar nova guerra. Foi apenas um brincadeira, reflexo do excelente humor com que desembarcou ontem no Rio para testar de hoje a quarta-feira o único carro que McLaren trouxe para os testes do Rio e que, a partir de quinta-feira, será entregue a Alain Prost.” (10)

Não adiantou.

Quando Eloir Maciel, um repórter do JB que cobria automobilismo circulava pelo paddock e passava em frente ao boxe da Lotus, foi chamado por Piquet, que almoçava com a mulher Katerine ele não imaginava a conversa, que foi reproduzida depois de quinze anos. (10)

“Quero responder a esse filha da p... Vou dizer que ele é v...” (10)

“Nelson, isso é sério. Se você disser, eu publico.” (10)

“Não. Não vou dizer que ele é v... porque não tenho como provar. Posso dizer que ele não gosta de mulher.” (10)

Eloir se lembrou das piadas de Alain Prost e dos comentários do próprio Piquet que vinham circulando entre os jornalistas sobre a presença constante de Américo Jacoto Júnior ao lado de Ayrton e sobre o fato de ele não aparecer com namoradas. E voltou a alertar: “Nelson, se você disser que ele não gosta de mulher, eu vou publicar.” (10)

“Pode publicar...” (10)

Eloir pediu mais dados. Foi quando começou o que ele mais tarde considerou a “parte humilhante” da entrevista. Piquet chamou Katerine e ordenou: “Diz aí quantas vezes você quis sair com o Ayrton Senna e ele não quis sair com você.” (10)

Katerine ficou constrangida, indecisa e, para Eloir, dando sinais claros de que não queria responder. E não houve resposta. Apenas vergonha e um grande desconforto. Na falta de um depoimento da mulher, Piquet se encarregou de dizer que Ayrton só andava com homens e que muitas mulheres queriam, mas não conseguiam sair com ele. Eloir anotou tudo. (10)

A declaração de Piquet já circulava no meio jornalístico antes de sua publicação no dia seguinte. (10)

Coube a Sergio Rodrigues ligar para Ayrton. Quem atendeu o telefone foi Galvão Bueno, que ao saber do teor da informação passou a ligação para Senna dizendo: “Becão, se vira aqui, porque o Sergio está no telefone dizendo que o Piquet disse que você é v... e que isso vai sair no JB de amanhã.” (10)

Na lembrança de Galvão, o choro indignado de Senna ao desligar o telefone, foi imediato. Lucia, mulher de Galvão, queria vingança. E fez uma sugestão que Ayrton só acabou acatando dois anos depois, na reveladora entrevista que deu à jornalista Mônica Bergamo, da Playboy, em agosto de 1990: mandar Piquet perguntar à mulher, Katerine, se ele, Senna, gostava ou

não de mulher. Lucia se referia ao fato de Ayrton ter tido um caso rápido com Katherine. Senna recusou a sugestão, mas queria fazer algo. (10)

No motohome da McLaren, Creighton e Tereza Brown foram testemunhas do ódio que Senna carregava intacto noite adentro. Creighton tinha uma convicção: “Se o objetivo de Piquet era o de desestabilizar Ayrton, o efeito foi exatamente o contrário: Senna queria destruir Piquet na pista.” (10)

Nuno Cobra foi mais uma testemunha do grande sofrimento pessoal que o episódio provocou em Ayrton: “Foi uma grande porrada. Ele ficou abatido. Foi um estigma que acompanhou Senna a vida inteira. Era uma marca profunda na alma dele.” (10)

“De todos os rivais, Piquet era o que mais involuntariamente ajudava Senna, pela energia emocional de antagonismo que ele criava. Ayrton tinha tanta raiva, que aquilo se tornava uma força. E no Ayrton o reforço negativo era maior que o positivo. Se você dizia para ele “não pode”, aí que ele ia fazer.”(10)

Chico Serra também acompanhou de perto o episódio: “O que incomodava Ayrton era saber que não adiantava tomar qualquer atitude: se saísse com mulher, era porque estava querendo limpar a imagem. Se não saísse, era porque Piquet tinha razão.” (10)

Na entrevista dada a Mônica Bergamo em 1990, ela fez uma pergunta: “Você o processou por isso. A retratação dele na justiça foi suficiente?” (10)

“Irrelevante. Ele negou que tinha dito. Foi tudo um jogo baixo, sujo.”(10)

“Você namorou a Katherine, atual mulher dele, antes de os dois casarem, não é?” (10)

“Não namorei. Mas... eu a conheci.” (10)

“Conheceu como?” (10)

“Eu a conheci como mulher. É curto e grosso. Eu a conheci como mulher.” (10)

No Grande Prêmio do Brasil, em Jacarepaguá, depois de largar nos boxes, Ayrton fez 13 ultrapassagens em nove voltas, levando os torcedores à loucura. Quando já estava em sexto lugar, exibiram-lhe a placa preta de desclassificação. Prost venceu a prova. (10)

Aquele ano de 1988 seria coroado com 8 vitórias, 3 segundos lugares. Não pontuou em apenas 3 corridas e terminou como campeão. Realmente acabou dando resposta nas pistas.

Parece ter sido fácil, mas não foi bem assim. O título veio na penúltima corrida da temporada, Grande Prêmio do Japão. (10)

Logo na largada, um grande susto: “Vi tudo perdido naquele momento. O motor morreu, eu fiz pegar no tranco. Apagou de novo e voltou a pegar de novo, no tranco, graças a Deus.” (10)

14 carros passaram por Senna naquele momento. Depois deste início que quase não aconteceu, Senna tinha pela frente uma missão impossível: ultrapassar praticamente todos os pilotos participantes do Mundial de Fórmula 1 daquele ano, encostar em Prost, o primeiro colocado e tomar-lhe a ponta.(10)

Ao final da segunda volta, já era sexto. Na 11ª, era o terceiro colocado. Alain, com um carro não exatamente perfeito nas mãos, virava o circuito no mesmo tempo de Senna, mantendo a distância. (10)

Aí choveu. (10)

Pouca coisa. Mais uma garoa. Fraca o bastante para ninguém ir aos boxes e calçar pneus de chuva. Molhado o suficiente para Senna ser alguns segundos por volta mais rápido e encostar em Prost na 20ª volta. Na volta 28, a ultrapassagem. No meio da reta de Suzuka, Ayrton saiu de trás da McLaren de Prost pela direita e se lançou. Alain ainda tentou estreitar o caminho, indo para o meio da pista, num arremedo do que fizera em Estoril, mas foi inútil.(10)

A sete voltas do final, a chuva ficou mais forte, e Ayrton, agora líder, não hesitou em dispensar a ajuda da sócia de tantos êxitos na pista: começou a gesticular, apontando para o céu, pedindo a interrupção da prova. Não foi atendido, mas viveu naquelas voltas finais uma experiência sobre a qual não falou muito.(10)

Na mesma entrevista à Playboy de 1990, deu a mais completa descrição: “Mesmo orando, eu estava superconcentrado, me preparando para uma curva longa, de 180 graus, quando vi a imagem de Jesus. Ele era tão grande, tão grande. Não estava no chão. Estava suspenso, com a roupa de sempre, a cor de sempre e uma luz em volta. Seu corpo inteirinho subia para o céu, alto, alto, alto, ocupando todo o espaço. Ao mesmo tempo em que tinha essa imagem incrível, eu guiava um carro de corrida. Guiava com precisão, com força, com tudo. É de enlouquecer, não é? É de enlouquecer!”(10)

Senna cruzou a linha de chegada urrando dentro do capacete. Batia na cabeça e gritava todos os palavrões que conhecia. (10)

1989 foi o ano em que o péssimo relacionamento de Senna e Prost chegou ao insustentável. Dois pilotos, dois carros de corrida semelhantes e como não poderia deixar de ser, a disputa do título daquele ano. Segundo Steve Nichols, engenheiro da equipe, ao final do ano, a situação entre Senna e

Prost fez com que a briga Mansell e Piquet parecesse uma dupla de meninos brigões no jardim de infância.(10)

O campeonato seguia naquele ano numa disputa equilibrada entre Senna e Prost na disputa pelo título. (10)

Grande Prêmio de Suzuka, no Japão. Ayrton precisava vencer para continuar com chances de ser campeão. Para Prost, se Senna não pontuasse, já seria o campeão da temporada. (5,10)

O que se viu na corrida foi uma disputa acirrada pela ponta, até que, na volta 46, numa disputa por posição na chicane, Senna tentou a ultrapassagem, foi tocado por Prost, e, os dois foram para fora da pista. (10)

Prost não precisava daquela corrida, saltou do carro e saiu. Ayrton, com a obrigação de vencer, foi empurrado pelos fiscais, cortou parte do traçado da chicane e então voltou à pista. Parou no boxe para trocar o bico do carro, avariado no acidente e retornou à corrida. (10)

Em mais uma de suas grandes exibições, ultrapassou os concorrentes até chegar e ultrapassar Alessandro Nannini, tomando-lhe a ponta e chegar à frente de todos ao final da corrida. Porém, Senna já estava sendo desclassificado pela manobra na chicane. Prost era tricampeão. (10)

Até hoje ainda se discute aquela decisão polêmica. Não se sabe o que mais influenciou a decisão dos comissários da prova; se Jean-Marie Balestre, o então presidente da FISA – para alguns, a pessoa que jogou o título no colo de Prost. Ou se o próprio Prost que logo após o acidente se dirigiu à sala dos comissários (não se sabe o que foi conversado naquele local). Prost nega qualquer interferência.(8,10)

O ano terminava com Prost campeão e a caminho da Ferrari para a temporada de 1990. Senna continuaria na McLaren... (10)

15 de fevereiro de 1990. Faltavam algumas horas para vencer o prazo dado por Jean-Marie Balestre para que Senna se retratasse, publicamente, por ter acusado a FISA de manipulação a favor de Alain Prost, no GP do Japão, corrida que definiu o campeonato de 1989. (10)

Senna não estava disposto a escrever a tal carta, mas diante da possibilidade de não obter a superlicença para poder competir, juntamente com Ron Dennis e Nobuhiko Kawamoto, redigiram palavra por palavra a seguinte carta: “Caro presidente, durante a reunião do Conselho Mundial da FISA, que aconteceu no dia 7 de dezembro de 1989, ouvi declarações e depoimentos de várias pessoas que, devo concluir, constituem prova de que nenhum grupo de pressão ou o presidente da FISA influenciou as decisões relativas aos

resultados do Campeonato Mundial de Fórmula 1 de 1989. Peço a superlicença para o Mundial de 1990. Saudações, Ayrton Senna.” (10)

A ressaca psicológica provocada pela decepção em Suzuka no ano anterior, o ultimato espalhafatoso que Balestre lhe impusera e o sacrifício pessoal da carta de retratação tinham afetado Ayrton. Na tomada oficial de tempos, obteve uma surpreendente quinta colocação no grid, enquanto seu novo companheiro de equipe, Gerhard Berger, conquistava a pole position. Foi a primeira vez que Senna não largou na primeira fila em 24 corridas consecutivas. (10)

Durante a prova, “acordou”, e numa corrida a seu estilo, fez ultrapassagens até sair vencedor. (10)

O ano transcorreria semelhante ao anterior e, novamente em Suzuka no Japão, a possibilidade da definição do título de campeão.

Uma semana antes da largada para GP do Japão de 1990, Ayrton já estava dizendo ao amigo Pedro Queiroz Pereira, durante os treinos da McLaren no autódromo de Estoril, que não deixaria Prost ficar na sua frente “de jeito nenhum”. (10)

Uma semana depois, na manhã de 21 de outubro, no autódromo de Suzuka, já sabendo que a direção da prova lhe negara, como pole position, o direito de largar do lado mais limpo e emborrachado da pista, o esquerdo, Ayrton teve mais um motivo para não tirar o pé no final da reta. (10)

A luta pelo título, que seria de Senna se Prost não terminasse a prova, durou alguns metros, na mais controvertida manobra de pista da Fórmula 1 moderna. Prost, segundo colocado no grid, largou na frente pelo lado de fora, o mais emborrachado, e Senna, em segundo, prejudicado pela sujeira do lado interno da pista, simplesmente não freou para a primeira curva. (8,10)

O acidente foi bem diferente do provocado por Prost no ano anterior para garantir seu tricampeonato, um enrosco na entrada da chicane, quase tão lento e inofensivo como uma batida de duas madames na saída do estacionamento do supermercado. O troco de Ayrton foi dado em quinta marcha, a cerca de 250 quilômetros por hora. (10)

A caixa de brita, a generosa área de escape existente na curva, a sorte e, para quem acredita, a graça do Divino Espírito Santo garantiram que os danos fossem apenas materiais e, para alguns, morais. Prost ficou evidentemente furioso. (10)

Na volta para o boxe, o repórter da TV Fuji, Kawai Kazuhito, foi o primeiro a fazer a abordagem: “Não é desse jeito que você queria conquistar o título, não?” (10)

Vinte intermináveis segundos se seguiram, ao vivo, Senna pensando no que iria responder. E a resposta: “Eu avisei sobre a posição da largada.”(10)

Em outra entrevista, mais tarde, Senna revelou o que estava por trás de seu gesto: “Este título eu dedico a todos aqueles que lutaram contra mim no ano passado e me machucaram muito. Este ano, está aí a demonstração para eles de quem é o campeão.” (10)

Para o amigo Galvão Bueno, deu um sorriso maroto e comentou irônico: “Errei o pedal. Em vez de pisar no freio, pisei no acelerador.” (10)

Depois da ironia, ainda com Galvão, Senna comentou o que considerava uma tática “pouco inteligente” de Prost: “Ele tinha tanto mais carro que eu que poderia ter deixado eu passar na primeira curva e ganhava a corrida depois.”(10)

Creighton Brown também ficou desapontado: “Isso era uma coisa negativa de sua personalidade. Mas isso era o Ayrton. De um lado, um homem carinhoso e suave. De outro, um piloto capaz de fazer coisas que outros jamais fizeram”.(10)

Gerhard Berger também se surpreendeu com o fato de Prost ir para o lado de dentro da curva e criar a oportunidade para Ayrton bater: “Prost e Senna se odiavam profunda e honestamente. Ayrton encenou a vingança com sangue frio, maestria e consciência. A ação foi elegante o bastante para não ser óbvia, e naquele momento eu fiquei impressionado com o fato de Prost se permitir aquela situação”. (10)

Berger, àquela altura já um amigo e confidente de Senna, não reproduziu nenhum diálogo específico em que Ayrton tenha antecipado para ele a manobra de tirar Prost da pista, mas sua análise do acidente demonstrou não apenas a premeditação, mas também uma curiosa preocupação com segurança, por mais absurda que ela possa parecer: “Se tinha que bater, melhor que fosse ali logo, onde o perigo era menor, e de preferência logo no começo, porque aí normalmente a velocidade não é tão grande. Apesar disso, tratava-se de um risco calculado: Prost estava na frente e tomava o lado de dentro. Senna devia apenas ficar na sua trajetória. Ambos foram parar na areia. Nada dramático, mas Prost não poderia mais ser campeão do mundo”.(10)

1991. Primeira vitória no Brasil.



Figura 10 Primeira vitória no Brasil. Ayrton extenuado.

Com um carro menos competitivo que as Williams-Renault, Ayrton travou batalhas contra Nigel Mansell e acabou sendo tricampeão mundial de Fórmula 1. Não precisava provar mais nada a ninguém a não ser a si mesmo.(10)

Também terminava naquele ano a carreira de piloto de Fórmula 1 de seu grande desafeto Nelson Piquet.

1992. O ano de descontrole. Especialmente naquele verão de 1992, Senna se expôs como nunca. Foi citado com uma frequência inédita nas colunas sociais do Rio e de São Paulo e visto com mulheres diferentes na boate Gallery e na casa de espetáculos Palace, ambas em São Paulo. Era tempo de emoções rápidas e inofensivas. (8,10)

Porém, estivesse Ayrton sozinho, acompanhado de uma namorada instantânea ou tentando se entender com antigas companheiras, o que não

mudava e só crescia era a ligação cada vez mais pessoal e exclusiva que ele tinha com a casa de Angra. Para Linamara Battistella, foi lá que ele começou a construir uma vida afetiva própria e uma certa independência emocional em relação à família. Para Linamara, Angra era um espaço ao qual Senna se referia como “só dele”. (10)

Na primeira prova da temporada de 1992, em Kyalami, África do Sul, Senna e toda a Fórmula 1 descobriu, na prática, que as Williams se tinham tornado outra categoria. Estavam equipadas com controle de tração, câmbio semi - automático e, principalmente, um sistema de suspensão ativa de tal modo desenvolvido que permitia ajustes automáticos e instantâneos ao piso. Em outras palavras, a suspensão ativa acabava com o velho dilema dos pilotos, que tinham sempre de escolher entre duas alternativas: um carro relativamente lento mas bom de curva, ou veloz como uma bala, mas difícil de guiar nos trechos sinuosos. (8,10)

31 de maio. Dia do Grande Prêmio de Mônaco. Senna estava tomando café da manhã com o amigo Marcos Magalhães Pinto. Estava sério e silencioso. Marcos achou que era por causa de uma brincadeira que começara dois dias antes, com os também amigos Braguinha e Galvão Bueno. Desconfiado de que algo estava atravessado naquele café da manhã, o amigo não aguentou: “Vem cá, você está chateado comigo?” (100)

Ayrton pareceu acordar, de tão surpreso com a pergunta: (10)

“Não, por quê?” (10)

“Achei que você estava chateado comigo por causa da brincadeira que o Braga fez”. (10)

Senna, Marcos não sabia, já estava disputando o GP de Mônaco de 1992: “Cara, você tem que entender que logo mais vou passar duas horas andando a um centímetro do guard-rail”. (10)

“O que você fica pensando daquele jeito?” (10)

“Fico repetindo, na mente, minha melhor volta. O tempo todo”.(10)

Uma das vitórias mais espetaculares da carreira de Senna.(10)

Aquele ano também foi o ano em que um certo alemão de nome Michael Schumacher surgiu no mundo da Fórmula 1. Inclusive obtendo sua primeira vitória no Grande Prêmio da Bélgica. (5,10)

Ainda em 1992, novamente o assunto homossexualismo vem a tona através de uma entrevista de Alain Prost a um jornal italiano, numa entrevista à jornalista Francesca Allia Bronner. (10)

Nas suas primeiras declarações após a publicação da matéria, Prost afirmou que nunca dera tal entrevista. Três dias depois, em comunicado conjunto divulgado durante o GP da Hungria, Prost e Senna repudiaram a reportagem. Prost negou as frases atribuídas a ele e ofereceu ajuda para qualquer ação legal que Senna viesse a abrir contra o jornal. (10)

Onze anos depois, Prost reconheceu que deu realmente a entrevista a Francesca. Mas insistiu que, em nenhum momento, falou sobre a vida sexual de Ayrton. (10)

Os jornalistas que acompanhavam a Fórmula 1 não deram muita atenção para a reportagem. A maioria encerrou definitivamente o assunto com a reprodução do comunicado conjunto em que Prost e Senna repudiaram a reportagem e o comportamento de Francesca. (10)

O campeonato daquele ano foi vencido por Nigel Mansell com uma certa facilidade em função da superioridade das Williams. (10)

Já começavam os planos para 1993. Senna sabia que a Honda deixaria a Fórmula 1 ao final daquele ano. (10)

Senna pretendia ir para a Williams, porém, a escuderia já havia contratado Alain Prost, que estava retornando à Fórmula 1 depois da humilhante demissão antes mesmo do final do campeonato de 1991. Prost fez com que a Williams assinasse um contrato com ele, vetando a contratação de Senna como companheiro de equipe. (10)

Segundo algumas fontes, Senna chegou a se oferecer para pilotar a Williams de graça; proposta rejeitada por Frank Williams, que o queria como piloto em um futuro próximo, mas não naquele momento. (10)

Com a saída da Honda, também não haveria a entrada de alguns milhões de dólares, o que comprometeria a temporada da McLaren. Começou então, de acordo com declarações de Ron Dennis em 2003, um dos maiores blefes da história da Fórmula 1. (10)

A McLaren disputaria a temporada com motores Ford HB de segunda geração, por determinação contratual - um passo atrás em potência e desenvolvimento em relação aos que seriam fornecidos à Benneton de Schumacher e Patrese. Para completar, Gerhard Berger, tinha voltado para a Ferrari. (10)

No início de 1993, nos tradicionais testes, para espanto dos jornalistas, em Silverstone, no primeiro dia de testes, Senna foi o mais veloz de todos os pilotos. Superando inclusive, as poderosas Williams de Alain Prost e Damon Hill. (10)

Segundo Ron Dennis, na sala de reuniões da McLaren, Senna não teve outra alternativa senão elogiar o carro. (10)

Ron disse: "O problema Ayrton, é que não tenho dinheiro para pagar o seu salário. Temos de encontrar, juntos, uma maneira de conseguir".(10)

A partir daquele momento começaram a construir um plano teatral. O principal desafio era convencer quase a Fórmula 1 inteira de que Senna resistiria, sim, ao impulso de correr, e ficaria fora do campeonato de 1993 se não tivesse o equipamento e o dinheiro que pedia. (10)

No script concebido por Ron e que foi posto em prática durante as semanas seguintes, ele e Ayrton quase brigaram em público, especialmente diante dos jornalistas. Também fazia parte do plano, de acordo com Ron, convencer John Hogan, o diretor da Philip Morris, o principal patrocinador, de que, só um orçamento maior manteria Senna na equipe. (10)

Os contratos daquele ano foram feitos "corrida por corrida". (10)

Durante uma reunião na Suíça, Ayrton "reagiu" quando Ron Dennis disse que só tinha cinco milhões de dólares: "Nesse caso, só disputo as cinco primeiras provas". (10)

John Hogan fez as contas e perguntou: "Isso significa que você quer um milhão de dólares por corrida?" (10)

"Isso mesmo".(10)

"Tenho dois milhões. Você disputa dois grandes prêmios e eu vou sair em busca do dinheiro".(10)

O contrato preparado por Julian Jakobi para aquelas corridas serviram de modelo para os outros 11 daquela temporada. (10)

Uma década depois, Ron admitiu que não havia outro meio de conseguir dinheiro. Sua única queixa era a de que o plano teatral foi uma estratégia exaustiva. Jamais, no entanto, por causa de desentendimentos com Senna. (5,10)

"Não era o Ayrton negociando comigo. Isso é o que todos pensam. Éramos Ayrton e eu construindo um ambiente no qual convencêssemos os patrocinadores a gastar mais dinheiro com a gente. Nós não estávamos um contra o outro. Estávamos completamente juntos naquele momento".(10)

Ao final de algumas semanas, o plano de Ron Dennis deu certo. Ayrton correria mais uma temporada pela McLaren. E por 16 milhões de dólares.(10)

Senna deu uma declaração ao jornalista Celso Itiberê: "Se tiver um carro que ande, vou correr. Não precisa ser um carro para ganhar, basta que eu sinta possibilidade de competir". (10)

Era exatamente o que ele teria naquele ano.(10)

Na primeira prova do ano, na África do Sul, Senna liderou a corrida por 23 voltas e resistiu ferozmente, antes de ceder a posição à Williams do rival Prost. Logo na primeira corrida, o retorno da velha rivalidade.(10)

No Grande Prêmio do Brasil, mais uma vez debaixo de chuva, numa disputa com Damon Hill (Prost rodou na pista e abandonou a prova), Ayrton venceu a prova de maneira emocionante. (10)

A festa após a vitória aconteceu na boate Limelight, Zona Oeste de São Paulo. Essa festa foi considerada o marco inicial do namoro de Ayrton com Adriane Galisteu. (10)



Figura 11 Ayrton e Adriane

"Quando era só brincadeira, a família achava ótimo. Quando começou a ficar sério, eles não gostavam."(10)

Braguinha, autor da frase, era um dos amigos íntimos de Senna para quem o namoro com Adriane significou uma "emancipação afetiva". Para Linamara Battistella, Adriane "rompeu um pouco o círculo de pressão familiar ao qual Ayrton estava submetido". Galvão Bueno também foi testemunha de que o encontro foi marcante: "O Ayrton me disse: ela me faz muito bem. Ela é o meu lado feliz." (10)

Marcos Magalhães Pinto também tem certeza de que o namoro fez muito bem a Senna. "Ela não cobrava. Não falava coisas chatas, respeitava totalmente a vontade do Ayrton e ficava à disposição dele".(10)

Segundo Nuno Cobra: "Ela fez o Ayrton sorrir, lutava para que o Ayrton ficasse mais presente na vida do Senna. O Senna era um saco, coitado." (10)

Naquele início de temporada, após seis provas, Ayrton estava numa ilusória liderança do campeonato. Tinha 39 pontos contra 34 de Alain Prost. (8,10)

Depois da vitória em Mônaco, viriam sete vitórias da Williams-Renault, uma de Michael Schumacher e muita decepção com a McLaren.(10)

Fora das pistas, no entanto, Senna ria à toa. Como nunca.(10)

O namoro com Adriane Galisteu ia muito bem conforme confienciava aos amigos mais próximos.(10)

Na última corrida do ano em Adelaide na Austrália, com o campeonato já definido em favor de Alain Prost, Senna venceu.(10)

Ao caminhar de sua Williams em direção a Ron Dennis para cumprimentá-lo antes da cerimônia do pódio, Prost foi surpreendido por Senna que se antecipou e o cumprimentou. Todos ficaram emocionados.(10)

No pódio, Senna puxou Prost e Hill, o terceiro colocado, para o lugar mais alto. Depois ergueu o braço de Alain. (5,10)

Um mês e meio depois, numa entrevista, Prost disse que não acreditava que a atitude de Senna tinha sido “completamente sincera”.(10)

“Eu tentei várias vezes fazer as pazes com ele, que sempre recusou. Mesmo na entrevista coletiva em Suzuka (vencida também por Senna), eu disse que queria, no meu último GP, em Adelaide, ver as coisas diferentes, com um bom sentimento entre nós. Na hora ele recusou. No pódio do Japão, ele sequer olhou para o meu lado”. (10)

Na Austrália, Senna estava mesmo diferente. Sereno, generoso, sorridente e inexplicavelmente satisfeito com aquele vice-campeonato.(10)

Em sua reportagem para o Jornal do Brasil, Mario Andrada e Silva atribuiu grande parte daquele bom humor ao “clima de lua-de-mel com a namorada Adriane”.(10)

Para a temporada de 1994 já havia a definição da aposentadoria de Prost e Senna na Williams.(10)

Para Juracy dos Santos, que cuidava dos macacões de Senna desde os tempos da Lotus, não havia alegria nos olhos do Ayrton quando ele vestiu o da Williams, para apresentação da equipe no circuito de Estoril, no dia 19 de janeiro de 1994.(10)

“Ele não estava muito feliz desde o início”.(10)

Os carros da Williams não estavam em condições de enfrentar os da Benneton. Um insuspeito Nelson Piquet explicou: “O problema é que a Williams estava muito mais adiantada na eletrônica em relação às outras equipes e, com a mudança no regulamento, desceu um degrau (a federação havia decidido que naquele ano de 1994 não haveria mais permissão para utilização de controle de tração e suspensão ativa). Enquanto isso a Benneton deu um salto enorme por causa da Ford. Eles conseguiram ganhar 1.500 rotações e 40 cavalos no motor”.(8,10)

À alguns amigos, Senna havia dito que o carro era muito ruim.(10)

Também tinha desconfiança de que os carros da Benneton estavam irregulares. (Investigações posteriores, que Senna nem chegou a tomar conhecimento, provaram que realmente o carro de Michael Schumacher estava irregular, utilizando um software que controlava a tração não deixando as rodas do carro derraparem nas acelerações).(10)

De fato, nas duas primeiras corridas (GP do Brasil e GP do Pacífico no Japão), Senna não conseguiu terminar as provas por acidentes em que acabou envolvido.(10)

Senna já havia relatado as dificuldades: “Não estou conseguindo dirigir esse carro. Ele está muito difícil de guiar. É tão duro que qualquer ondulação na pista faz ele saltar”.(10)

Finalmente, Ímola...

Na quinta feira que antecedia o Grande Prêmio de Ímola, o jornal O Globo já publicava um artigo em que Celso Itiberê antecipava o desafio daquela corrida: “O asfalto de Ímola, se é bom na maior parte dos cinco quilômetros, tem um trecho muito ondulado em um ponto perigoso, em que os carros chegam a mais de 300 Km/h: a curva Tamburello. Por causa da velocidade e da necessidade de um carro estar regulado o mais duro possível, a consequência natural é o fundo bater no chão. Se isso acontecer, são dois os riscos: que o fundo fique danificado e prejudique todo o comportamento aerodinâmico do carro; que o desconforto para o piloto seja tal, que depois de algumas dezenas de voltas ele sinta dores musculares e câimbras. Se o carro for regulado mais alto um pouco para atravessar esse trecho, fica comprometido no resto do circuito”.(10)

No primeiro dia de treino oficial, Rubens Barrichello sofreu um acidente grave. Quase morreu asfisiado pela própria língua, sofreu um abalo neurológico que teve como resultado uma amnésia parcial que durou mais de um mês.(1,10)



Figura 12 Acidente de Rubens Barrichello

Senna foi visitá-lo no hospital e ficou muito abalado. Estava pálido. Repetiu várias vezes a curta frase: “Ele está bem”. (1,5,10)

Segundo o jornalista Mark Fogarty, que o entrevistou para a revista inglesa Carweek, Senna parecia cansado e disperso: “Sua face estava distante, seus olhos estavam marejados e, durante a conversa, ele perdeu o foco usual. Alguma coisa estava na sua mente, comprometendo a concentração que ele sempre tinha em momentos como aquele”.(10)

No segundo dia de treinos oficiais, mais um acidente.(10)

Desta vez, mais grave que o anterior, com Rubens Barrichello: o jovem austríaco Roland Ratzenberger, perdeu o controle de seu carro e se chocou contra o muro de proteção. Morreu a caminho do hospital.(1,8,10)



Figura 13 Acidente de Roland Ratzenberger

Mas Senna estava decidido. Apesar de tudo o que estava acontecendo naquele final de semana, iria correr no domingo. (10)

A fatídica corrida já se iniciou de maneira estranha, como tudo naquele fim de semana. Na largada, J.J. Lehto, quinto colocado no grid, deixou o motor de sua Benneton apagar. E o português Pedro Lamy não teve como desviar. Sua Lotus bateu em cheio na traseira do carro de Lehto. Safety car na pista durante cinco voltas. Na nova largada Senna garantiu a primeira posição

seguido por Schumacher e Berger. Na primeira passagem veloz pela Tamburello, a Williams de Senna já mostrava seu comportamento arisco, com fagulhas sendo arrancadas do carro pela pista ondulada.(1,5,8,10)

Na abertura da volta seguinte, Senna manteve a frente. Quarta, quinta, sexta marcha. No meio da Tamburello, a Williams deu uma violenta balançada antes de seguir direto para o muro...(5,10)

Era o fim da vida de uma lenda que se mantém viva até os dias de hoje.



Figura 14 Ídolo

DISCUSSÃO

Após repertorização pelo software Repertório Homeopático Digital Homeosoft – Dr. Ariovaldo Ribeiro Filho, chegamos a algumas possibilidades de medicamentos a serem discutidos:

Lycopodium clavatum:

O indivíduo licopódio tem aspecto doentio, com extremidades frias, anorexia, digestão lenta e irregular, flatulência característica, constipação, catarro passivo das vias aéreas e lesões típicas de pele.(9)

Constituição e temperamento: o indivíduo no qual *Lycopodium clavatum* desenvolve melhor sua ação tem inteligência viva e mente ativa, fraco desenvolvimento muscular, é magro. Os olhos têm um brilho inteligente e vivo, numa face que parece precocemente envelhecida.(9)

Segundo Kent apresenta as seguintes sensações: indivíduo hipersensível cujos traços da face se contraem pelo menor ruído; quando perturbado vemos uma expressão contrariada; quando sofre, os supercílios estão franzidos, a testa está enrugada e vemos aí o sofrimento.(9)

O corpo é magro, tórax deprimido, os músculos das extremidades inferiores estão pouco desenvolvidos.(9)

Não tem confiança em si mesmo, é irresoluto, tem medo das responsabilidades, do novo; qualquer menor incidente o atormenta, o desmonta. Triste e melancólico, deprimido pela sua impotência e pelo mal estar orgânico que abate sua vida. É minucioso, apega-se a pequenos detalhes.(2,9)

Muito sensível, irrita-se com facilidade, tem cólera reprimida que o faz explodir bruscamente e o melhora. Fica aborrecido por longos períodos, apesar de ter momentos de vivacidade com atividade intensa e então agita-se e brinca. Não suporta a menor contradição.(9)

Sonolento durante o dia, à noite sonha com acidentes; seu sono é interrompido por sobressaltos e desperta com sensação de fome. Pode tornar-se avaro, cobiçoso, egoísta, malicioso, impotente, e perde sua capacidade intelectual, o que ocorre sobretudo no idoso. Tem confusão mental, perda de memória, entende mal e esquece palavras ao tentar falar ou escrever. Este estado de derrota é entremeado por crises de cólera, que são as últimas fagulhas da atividade e apaga-se.(3,9)

Agindo como um depressor geral do sistema nervoso, *Lycopodium clavatum* leva o indivíduo a uma emotividade extrema, medo, sensibilidade e irritabilidade. Tem fadiga mental, falta de memória, aversão por iniciar algo novo ou mesmo seu trabalho habitual, angústia, medo de que algo de mal

aconteça, de esquecer algo, de aparecer em público, dos seus semelhantes, mas tem horror à solidão. Angústia e dificuldade para iniciar um discurso, apesar de estarem acostumados a fazê-lo; depois de iniciar progredem normalmente. (2,9)

Ditatorial, dominador, melancólico. Quer estar só mas não completamente, quer que alguém esteja em casa, não quer sentir-se isolado. Não deseja estar em sociedade, ver pessoas que não conhece, deseja somente ter contato com os que já tem intimidade. Não quer que lhe falemos, não quer conversar pelo esforço, mas quando o faz isto o melhora.(9)

Taciturno, não gosta de falar, permanece silencioso em um quarto; sabendo que tem alguém em casa, fica tranquilo.(9)

Triste e desencorajado, levanta-se pela manhã com a impressão de que nada de bom vai lhe acontecer durante o dia e que o futuro é sombrio. Após mover-se um pouco essas sensações desaparecem.(9)

Tristeza e depressão, chora com facilidade pela menor emoção, pela menor alegria ou tristeza.(9)

A sensibilidade é a grande marca de *Lycopodium clavatum*, que parece dever-se à falta de confiança, a uma vitalidade fraca. É tão sensível que teme estar acompanhado.(9)

Tem medo do escuro, hipersensibilidade mental e física às impressões externas como ruído, odores, dor, frio, toque e pressão. (9)

Tem medo do trabalho porque teme não ser capaz de fazê-lo, mas quando este primeiro momento de temor passa, consegue trabalhar com tranquilidade.(4,9)

Nux vômica:

A ação de nux vômica leva à exaltação da excitabilidade dos centros cérebro-espinhais, afeta os músculos voluntários, levando a espasmos e convulsões. (9)

Irritabilidade, irascibilidade, rapidez, vivacidade nos seus movimentos; são muito sensíveis às expressões externas, tanto morais como as físicas. Sentem de forma muito viva as tristezas e as decepções; a mínima luz os ofusca, o menor ruído os sobressalta, qualquer odor lhes causa náuseas, a menor dor o tortura. Sua irritabilidade facilmente se torna irascibilidade; são briguentos, impulsivos, críticos e maldosos com os que estão a sua volta. O resto do tempo estão ansiosos, inquietos, melancólicos.(9)

São muito ativos, se sobrecarregam por um trabalho intensivo aos quais se dedicam com frenesi, pelos seus medos e inquietudes profissionais. Porém suas atividades nunca o satisfazem, o cérebro destes homens trabalha continuamente, as ideias são inúmeras e lhes dão esta impressão de atividade, de fecundidade intelectual, que os faz sentir realizados. Podem também imaginar o futuro, acumulando projetos e tentam acelerar o tempo que lhes parece passar muito lentamente. (7,9)

A mente está tão preocupada que chega à obsessão, são os pequenos detalhes que o incomodam.(9)

O sono se ressentir desta hiperatividade mental. À noite só conseguem dormir muito tarde, o sono não aparece antes da meia-noite. Descansam mal, ficam por muito tempo ruminando suas preocupações.(9)

Melancolia com grande inquietude a respeito da saúde, impulso para falar da doença, desespero pela cura e medo pela aproximação da morte.(6,9)

Deseja solidão, repouso e tranquilidade, com repugnância à conversação. Angústia, ansiedade e inquietude excessivas, frequentemente com agitação que não lhe permite qualquer descanso.(9)

Exaltação moral e excitabilidade com extrema susceptibilidade de todos os órgãos, grande sensibilidade à mínima dor, ao mínimo cheiro, barulho ou movimento, prontidão extraordinária para assustar-se e sensibilidade tão acentuada que até a música provoca choro.(9)

Não quer ser tocado, quer ficar sozinho. Confusão mental, uma sensação de instabilidade e oscilação de pensamento. Irritabilidade incontrolável e lamentações, queixas e choro (durante os transtornos), algumas vezes com calor e hiperemia facial. Timidez, suspeita e desconfiança, com indecisão e irresolução. Assustadoramente apreensivo sobre o casamento.(9)

Phosphorus:

É o tipo dos medicamentos oxigenóides e se adapta melhor às constituições em que as mudanças são muito rápidas, precoces.(9)

Podemos dizer que, de maneira geral, leva a uma superatividade das trocas teciduais, assimilação e desassimilação extremamente rápidas que se traduzem por debilidade. O traço dominante da sua ação é a alteração profunda da vitalidade e o enfraquecimento das forças orgânicas, anulação do processo plástico e decomposição dos tecidos. (7,9)

Nenhum medicamento tem uma ação tão poderosa sobre o sistema nervoso. Afeta os dois centros, o cerebral e a medula produzindo amolecimento

e atrofia com seus sintomas concomitantes: prostração, tremores, entorpecimentos e paralisia.(9)

São indivíduos emagrecidos, que se emaciam rapidamente, estão consumidos, não tem tendência para engordar.(9)

Têm temperamento sanguíneo, inteligência viva, são impressionáveis, delgados, com cabelo sedoso, grandes cílios, pré tuberculosos.(9)

A face tem aspecto doentia, os traços estão esticados, a pele terrosa e pálida.(9)

Agitação e movimento, o enfermo de Phosphorus não pode permanecer sentado tranquilo por um momento, entretanto, sempre está fadigado, necessita repouso e está melhor após dormir.(9)

Triste e deprimido, sua fadiga mental é semelhante à física, não quer fazer nenhum esforço físico nem mental. Seu cérebro parece estar fadigado, incapaz de refletir e pensar. Tem dificuldade para concatenar as ideias e isto se faz lentamente. Tudo lhe parece triste e sombrio, chora sem parar.(2,9)

Além da depressão profunda o doente de Phosphorus tem hiperexcitabilidade nervosa. A mente pode estar muito excitada ou muito passiva, com perda de memória.(9)

Ansiedade, medo e angústia, tem maus presságios, medo que algo lhe aconteça, o futuro lhe parece sombrio, medo pela doença.(9)

Lachesis trigonocephalus:

Age de forma importante no sistema nervoso central, eletivamente no bulbo raquidiano.(9)

A ação cerebral do veneno ofídico se traduz por obnubilação, abatimento, sonolência, coma, paralisia geral e progressiva.(9)

Ao nível da medula, o veneno aumenta o poder reflexo ao ponto que o mais leve toque provoca convulsões até que levam a abolir completamente este poder.(9)

No que concerne ao simpático, temos espasmos dolorosos, atrozes no início, que não tardam a dar lugar a um grande inércia, sendo que a constipação é um dos efeitos mais claros da sua ação crônica.(9)

O veneno, uma vez inoculado pelos dentes, ou ingerido, após ser dinamizado, e experimentado patogeneticamente, observaremos ao nível do revestimento externo lesões que traduzem o enorme poder destrutivo do veneno.(3,9)

No caso de mordedura a pele, inicialmente pálida, torna-se vermelha não só no local, como em outros lugares, formam-se placas. Ao mesmo tempo o inchaço afeta todo o membro e toma proporções enormes ao ponto de afetar o tronco e mesmo a face. A lesão se concentra nas imediações do ferimento, numerosas flictenas e traços de linfangite, às vezes esverdeados, uma adenite mais ou menos considerável; enfim, placas gangrenosas com frequência chegam a formar abscessos. Um flegmão difuso do membro ferido, com deslocamento tão vasto que dissecam os músculos dos ossos.(9)

No caso da experimentação patogénica, vemos sobre a pele manchas equimóticas, vesículas amarelas ou negro azuladas, com inchaço e dor; erupções vesiculosas, lesões erisipelatosas, sobretudo na face, ulcerações superficiais com fundo escuro auréola vermelho violácea. Observamos que as feridas e as úlceras sangram fácil e abundantemente e com facilidade chegam a gangrena.(9)

Se quisermos resumir a ação patogénica de Lachesis muta, poderíamos dizer que o remédio desenvolve fenômenos constitucionais, que dependem em parte do envenenamento sanguíneo e em parte da lesão dos centros nervosos.(9)

O doente é hipersensível e cambiante, pode estar abatido ou excitado, tudo lhe é insuportável, sua loquacidade é enorme, muda sem parar de um tema para outro, quer ser escutado e que o compreendamos, mas não deixa um espaço para ser consolado.(3,9)

O quadro mental pode agravar e podem ter alucinações auditivas, escutar vozes que o perseguem, crê que influências misteriosas o dirigem, está desolado pelos seus pecados, aterrorizado, com loucura religiosa ou com ciúmes, desconfiança.(9)

São indivíduos nervosos, coléricos, a face é inchada, escurecida. As pálpebras estão tumefeitas, a esclerótica é branco sujo ou amarelada, o nariz vermelho violeta e os lábios violáceos. O pescoço está descoberto ou com uma falsa gola que seja muito larga, as roupas são largas.(9)

Alterna excitação e depressão.(9)

Os sintomas de excitação são: compreensão rápida, atividade mental com percepção quase profética, estase, loquacidade com mudança rápida de tema, mudando de um para outro.(9)

Os sintomas de depressão são: fraqueza de memória, erros ao escrever, confusão de tempo, delírio à noite, resmungo, está entorpecido, face vermelha, fala lenta, indiferente, difícil e maxilar pendente. Lentidão mental e este quadro está mais grave pela manhã e após o sono, seja ele noturno ou diurno.(9)

Essas condições opostas, excitação e depressão, podem se alternar no mesmo indivíduo.(9)

Uma das grandes características do remédio é a hipersensibilidade. Segundo Kent, o excesso de sensibilidade do remédio pode ser observado quando houverem sintomas cefálicos, dos órgãos dos sentidos e da mente. A vista e a audição tornam-se intensas; o tato está exacerbado, está hipersensível ao ruído, aos menores movimentos do quarto, à conversação; tudo isto aumenta suas dores.(9)

Uma característica geral é que Lachesis muta é um dos principais medicamentos com lateralidade esquerda muito marcada.(9)

Arsenicum album:

Agente terapêutico de grande potência e difusão, sua esfera de ação é grande. Engloba todas as partes do organismo e sua localização é eletiva no sistema simpático, que o remédio afeta profundamente.(9)

De maneira geral age sobre:

- as forças vitais em geral, que paralisa progressivamente; daí sua imensa fraqueza e prostração. Essa ação deprimente sobre as forças vitais é acompanhada de uma profunda irritabilidade, que se traduz por uma grande ansiedade e agitação física e psíquica.(9)

- o sistema nervoso; notamos neste alterações tão numerosas quanto marcadas. Na medula há inicialmente uma excitabilidade e depois paralisia da substância cinza. Se a ação se prolongar os nervos periféricos serão afetados e teremos, como na maior parte das manifestações patogenésicas do remédio, uma curiosa mistura de depressão e irritação; a paralisia se acompanha de câibras e a anestesia de nevralgias.(9)

- a circulação e o sangue; age inicialmente na constituição do sangue, diminuindo o poder dos glóbulos vermelhos de fixar oxigênio ao nível pulmonar. Na intoxicação arsenical o sangue torna-se negro, incoagulável e há extravasamento petequial.(9)

- a nutrição geral; pequenas doses de arsenicum album repetidas diminuem as trocas entre os tecidos, os compostos de carbono não são metabolizados por falta de oxigenação sanguínea que o remédio provoca; são depositados sob forma de gordura (daí a obesidade). No envenenamento crônico este defeito na combustão e essa lentificação progressiva da nutrição geral explicam a caquexia, tão importante.(9)

- as mucosas; tem uma ação profunda sobre as mucosas que, sob sua influência, tornam-se irritadas, inflamadas, vermelhas e secas; com exsudato

pouco abundante mas irritante e queimante. As dores queimantes, tão comuns e características na patogenesia do remédio, são consideradas como dependente dessa ação.(9)

- as serosas; tem ação não menos poderosa sobre as serosas do que a exercida nas mucosas. A inflamação que desenvolve é de caráter subagudo e acompanhada de extravasamento seroso, rápido e abundante.(9)

- o tecido muscular; age não só por intermédio dos nervos motores que ele afeta, mas também na fibra muscular, cuja influência miotônica a deixa contraída. É essa ação miotônica que explica as câibras características do envenenamento arsenical, quando há também constrição de esfíncter.(9)

Em poucas palavras, Arsenicum album afeta violentamente todos os tecidos, inflamando-os e irritando-os. Policresto sem igual, a gama de seus efeitos são indefiníveis, desde os quadros benignos (ação fraca e irritante) até a caquexia (ação completa, crônica), passando por acidentes fulminantes.(9)

Arsenicum album é sobretudo o medicamento dos indivíduos enfraquecidos, cuja resistência vital está praticamente anulada, nos sujeitos de qualquer temperamento cujo sistema gástrico perdeu sua atividade por excessos, em um gênero de vida exuberante com alimentação rica e abundante.(3,9)

Indivíduos com temperamento venenoso, aspecto exuberante e fresco, mas cuja vitalidade experimenta frequentes reveses e por um nada têm sua harmonia funcional destruída; nos quais os pequenos mal estares suscitam desfalecimentos e abatimento, incompatíveis com a causa.(3,9)

O que caracteriza o temperamento de Arsenicum album é a alternância entre a excitação e a depressão, frequentemente periódica; por exemplo, uma noite calma e outra agitada; faz grande projetos, muito ativo, agitado, nervoso e no dia seguinte está esgotado, se declara incurável, se desespera, diz que todo tratamento será em vão, que a morte se acerca, mas está muito enfraquecido para que essa espera lhe aterrorize; agita-se sem parar, angustia-se e fica banhado de suores frios. Em um grau mais avançado a fraqueza é extrema e, não podendo satisfazer sua necessidade de movimento, pede que o movimentemos sem parar em sua cama.(4,9)

Tem alucinações, vê fantasmas e animais; tem erotismo, sobretudo se for um alcoólatra; a loucura sobrevém, morde os dedos, mutila seu corpo e tem impulsos suicidas.(9)

Todos os sintomas mentais parecem ser a consequência das enfermidades dos órgãos e das vísceras. As faculdades afetivas e os instintos

estão alterados, mas a inteligência e a vontade não. O cérebro só está afetado muito secundariamente.(9)

O indivíduo é ao mesmo tempo ansioso e agitado, desesperado e esgotado. Os pensamentos se apresentam de forma numerosa, mas está demasiadamente fraco para detê-los. Deitado na cama, atormentado dia e noite por ideias e pensamentos deprimentes; quando os pensamentos o atormentam fica ansioso.(4,9)

Agitação, ansiedade e prostração são as três características que com frequência estão associados e dominam a mente do indivíduo Arsenicum album.(9)

Sulphur:

É o “rei dos antipsóricos” de Hahnemann. Tem capacidade de combater e vencer determinados obstáculos que se opõem à ação dos medicamentos indicados ou aparentemente bem escolhidos para o caso. Quando um medicamento estiver bem indicado pela semelhança dos sintomas, mas não melhora o caso ou age incompleta ou superficialmente, escolheremos outro medicamento e outro buscando o melhor de seu resultado. Daremos então Sulphur; mesmo que o caso não o peça tão claramente ele permite ao organismo reagir de forma conveniente a ação do remédio exato. Então, no caso acima citado, voltaremos aos mesmos medicamentos anteriores e eles serão eficazes. É o que Nash descreve nos seguintes termos: quando o medicamento não tem ação mesmo que esteja aparentemente bem indicado pelos sintomas, Sulphur deve ser prescrito, porque a psora é o obstáculo que deve ser transposto.(9)

Sulphur tem maior capacidade de despertar a receptividade do organismo por um medicamento do que qualquer outro, principalmente se este medicamento estiver sido indicado em doses repetidas, o que o fez perder seu poder de ação. (9)

A disposição geral do indivíduo de Sulphur é particular: quando fica em pé, busca instintivamente se apoiar. Inclina-se para frente, como se fosse puxado pelo peso da cabeça e puxões pelo plexo celíaco. Assim que pode se senta e assume uma atitude atarefada e apoia os cotovelos para segurar a cabeça. Se não lhe for possível sentar-se, caminha, já que estar em pé parado, imóvel lhe é penoso.(4,9)

Sujeitos magros, encurvados, ao caminhar ou mesmo estando sentados, como se fossem velhos. Quando estão em pé, jamais estão tranquilos, apoiam o corpo sobre uma perna ou sobre a outra. Caminham para todos os lados e buscam um local para sentar-se, já que se fatigam por ficar em pé.(3,9)

Se formos a casa de um indivíduo destes, encontraremos seu quarto em desordem, nos rebeberá despenteado, com a roupa suja e descuidada. Parece ter perdido todo o sentido de refinamento, conforto e ordem.(9)

Podemos dizer que está “cheio de sujeiras”, tem mal cheiro, hálito e fezes muito fétidas, todas as secreções tem mal odor, mesmo se lavando.(9)

Face emagrecida, estirada, os segmentos tem tamanhos semelhantes, predominando a parte média onde com frequência o nariz tem extremidade vermelha e brilhante.(9)

O meio do corpo é emagrecido e a musculatura pobre. O abdome chama a atenção, está inchado, distendido, ruidoso, as dores com frequência são queimantes.(9)

Para completar o quadro podemos dizer que é um indivíduo irritável e resmungão. Poderíamos supor que Sulphur não é tão nervoso, mas se assusta pelo menor ruído, desperta aos sobressaltos durante a noite, como se tivesse ouvido um tiro ou visto um espectro.(9)

É nervoso, se impressiona fácil e se acalma da mesma forma. Com facilidade fica excitado, altera-se por um ruído inesperado, desperta bruscamente com medo. Sempre de mau humor e muito irritados. São susceptíveis, briguentos, violentos, insociáveis, encolerizam-se com facilidade e por qualquer coisa.(9)

É irresoluto e preguiçoso, permanece horas imóvel; apesar de ter ocupações, tem horror ao movimento. Isto pode chegar a uma extrema indiferença a tudo, ao prazer, trabalho, conversa. Profunda preguiça mental e física. Não quer movimentar-se e está muito infeliz para viver e deseja morrer.(9)

É um verdadeiro débil mental, tem dificuldade em compreender e associar ideias. Memória fraca, é muito esquecido. A fraqueza de memória se dá principalmente para os nomes próprios ou para acontecimentos mais recentes.(9)

É egoísta, não pensa no que as outras pessoas gostam, só se preocupa consigo mesmo. Não reconhece nada que façam por ele, tem ideias exageradas sobre seu valor. Pode ser um homem ignorante mas imagina-se um sábio.(4,9)

Tende a fazer grandes especulações mentais. É um “filósofo esfarrapado”. (9)

É muito imaginativo e tem ideias fantásticas, pensamentos errôneos sobre as coisas e as pessoas, é orgulhoso, uma espécie de euforia, orgulho,

tudo lhe parece belo quando o deseja. Acha que farrapos são roupas finas, que um pedaço de papel ou trapo é algo suntuoso. Se crê muito rico.(9)

Sono ruim. Durante toda a noite está agitado, excitado. Seu sono é entrecortado por sonhos e pesadelos angustiantes. Pode ter um sono pesado, não repousante, leve, desperta pelo menor ruído, é o verdadeiro sono de gato.(9)

Desperta às 3 ou 4 horas da manhã e em seguida não pode dormir. Se dormir não consegue despertar pela manhã, tem grande dificuldade em fazê-lo num horário conveniente. Quer dormir a manhã toda, já que neste horário repousa melhor.(9)

Durante a explanação sobre a ação geral de Sulphur vimos que leva todas as enfermidades à superfície, é o antídoto geral. É o medicamento que devemos pensar após a supressão intempestiva pelo frio ou por tratamentos externos. É útil para levar as erupções para a superfície e encabeça a lista de medicamentos indicados para combater os maus efeitos de erupções suprimidas ou da supressão de fluxos por medicamentos mal indicados.(9)

CONCLUSÃO

Diante de tudo o que foi exposto, nota-se claramente o quão difícil é chegar ao medicamento simillimum.

Através de toda a discussão sobre os medicamentos encontrados na repertorização, é nítida a presença de várias rubricas comuns aos medicamentos citados.

Se for levada em consideração a cobertura na repertorização, temos, em ordem decrescente: LACH, NUX-V, LYC, PHOS, ARS, SULPH. Isso sem citar os medicamentos que não foram pormenorizados na discussão.

Se for levada em consideração a pontuação, teremos então a seguinte ordem: LYC, PHOS, LACH, NUX-V, ARS, SULPH.

Os sintomas da repertorização foram colocados de maneira hierarquizada. E, levando-se em consideração esta hierarquia e analisando todos os 50 medicamentos citados, apenas CAUST apresenta 3 pontos para o sintoma: MENTAL->COMPETITIVO.

NUX-V, LYC e SULPH apresentam 2 pontos.

Se este sintoma for colocado como diretor, PHOS e ARS não estariam mais em discussão; mas como mostra a descrição dos medicamentos, há muitos sintomas deles presentes no personagem analisado.

Também há que se ressaltar que na repertorização foram utilizados somente sintomas mentais; e na descrição dos medicamentos há vários sintomas gerais e locais presentes em nosso personagem.

ROSENBAUM, 1998 em “Miasmas – Saúde e Enfermidade na Prática Clínica Homeopática” diz: segundo os métodos clássicos de análise e repertorização dos sintomas observamos características comuns aos clássicos: Hahnemann no parágrafo 153 do “Organon da Arte de Curar” nos explica o que deve ser captado para a administração de cada medicamento: fundamentalmente o raro, peculiar e característico. Por que ele desejaria estas três condições? Exatamente pela novidade proposta por ele, tratar a entidade individual e não a entidade anatomoclínica. Este salto qualitativo outorgou à técnica homeopática um importante pioneirismo no campo dos recursos semiológicos da prevenção das enfermidades. No desenvolvimento deste raciocínio, veremos que não é suficiente o difícil trabalho de captar os sintomas mentais verdadeiros para prescrever. Depois desta etapa – e esta é uma tarefa ainda mais delicada – é necessário segui-los para ver como cada um deles evoluiu.(11)

Atribuir ao caráter “moral” – como Hahnemann costumava expressar-se – máxima importância não significava abandonar o restante dos sintomas objetivos. Não significa considerar o soma reduzido a uma idealização da energia mental do indivíduo, mas sim, atribuir semiologicamente escala de valores, de modo que determinados sintomas – especialmente os da esfera mental – tivessem prevalência sobre os sintomas físicos e tanto maior força adquiriria esta valoração, quanto mais característicos fossem os sintomas.(11)

Quando lançamos mão do repertório para pesquisar rubricas genéricas, tais como indisposição, cansaço, transpiração, sonolência, distração, cólera, medos e uma infinidade de outros sintomas sem uma modalização mais refinada e distintiva – exatamente o que permite a detecção e a distinção entre o singular e o comum – estamos apenas observando a nosologia comum da maioria dos processos de enfermidade, a qual o clínico foi treinado a estar atento. Esta é de fato a missão do clínico: a execução de um trabalho de investigação diagnóstica. No entanto, quando se trata da clínica homeopática esta é apenas uma etapa.(11)

Será somente o abandono destas grandes generalizações e o estabelecimento de uma trajetória em direção às especificidades individuais que os sintomas – especialmente os sintomas mentais – obterão a categoria de sintomas propriamente ditos. Exemplos deste último são: o medo de tempestades, o choro por música ou as câibras ao falar. Eis o único caminho para um refinamento da percepção do indivíduo enfermo.(11)

Kent soube observar muito bem e distinguir nas matérias médicas os sintomas patognomônicos clínicos daqueles que seriam os sintomas patognomônicos individuais; vale dizer, os verdadeiramente individualizantes:

- a) Sintomas da vontade (afetividade, cólera e medos);
- b) Sintomas provenientes das perversões do intelecto;
- c) Sintomas provenientes da perversão da memória e aos sintomas presentes na transição do sono à vigília.

Ele sabia como buscar na história pregressa dos enfermos – a similitude retrospectiva – algum sintoma notável que os individualizasse; porém muitas vezes pela falta de uma compreensão da dinâmica dos medicamentos, voltava frequentemente ao uso dos policrestos e recomendava – seguindo Hahnemann em sua fase pré-miasmática – o uso de medicamentos próprios para casos agudos, distinguindo, inclusive, os miasmas agudos dos crônicos.(11)

Ao percebermos as características da personalidade do indivíduo podemos apenas construir uma imagem razoável de sua dinâmica psíquica, que deverá nos servir para uma posterior observação no seguimento deste paciente em sua análise miasmática.(11)

Cabe também lembrar que o personagem analisado faleceu ainda jovem, não de uma determinada doença, mas como consequência de um trauma físico, mecânico, causado por acidente. Era um atleta com hábitos saudáveis, boa alimentação, no auge de sua forma física.

Aliás, sua fragilidade física foi muito bem trabalhada, adquirindo uma considerável melhora neste aspecto.

Algumas alterações físicas mereceram atenção: a paralisia facial e os espasmos musculares após grandes esforços em algumas corridas. Todas as outras alterações apresentadas sempre foram na esfera mental.

Vale também a lembrança de que não houve consulta homeopática e sim análise de suas características através de descrições biográficas.

Referências

1- Acesso à internet:

<http://www.google.com.br/acidente+rubens+barrichello+imola>

Acesso em 01/05/2015, aba imagens

<http://www.google.com.br/acidente+roland+ratzenberger+imola>

Acesso em 01/05/2015, aba imagens

- 2- Allen, H.C.; **Sintomas chave da matéria médica homeopática**; versão digital no programa Repertório de Homeopatia Digital – Ariovaldo Ribeiro Filho; Homeosoft, 2013.
- 3- Boericke, W.; **Matéria médica homeopática**; versão digital no programa Repertório de Homeopatia Digital – Ariovaldo Ribeiro Filho; Homeosoft, 2013.
- 4- Clarke, J. H.; **Dicionário de Matéria Médica Clínica**; versão digital no programa Repertório de Homeopatia Digital – Ariovaldo Ribeiro Filho; Homeosoft, 2013.
- 5- DVD: Senna, Universal Studios, 2010.
- 6- Hahnemann, S.; **Doenças Crônicas**; versão digital no programa Repertório de Homeopatia Digital – Ariovaldo Ribeiro Filho; Homeosoft, 2013.
- 7- Hering, C.; **The Guiding Symptoms of our material medica**; versão digital no programa Repertório de Homeopatia Digital – Ariovaldo Ribeiro Filho; Homeosoft, 2013
- 8- Hilton, Christopher; **Ayrton Senna: uma lenda a toda velocidade: Uma jornada interativa**; tradução de Claudio Blanc. – São Paulo: Global 2009.
- 9- Lathoud, J.A.; **Estudos de Matéria Médica Homeopática**; tradução de Heloísa Helena de Macedo / 3ª Ed. São Paulo: Editora Organon, 2010.
- 10-Rodrigues, Ernesto Carneiro; **Ayrton: o herói revelado**; Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- 11-Rosenbaum, Paulo; **Miasmas: saúde e enfermidade na prática clínica homeopática**; São Paulo: Roca, 1998.